

Rui Vaz de Carvalho

O querido amigo e companheiro Rui Vaz de Carvalho morreu no dia 5 de Maio de 2003, no Hospital Amadora-Sintra.

Nesta hora de tristeza e de imensa dor, muito haveria para escrever sobre a vida e a obra deste companheiro. Todavia, só aqueles ou aquelas que partilharam e viveram com ele momentos de reflexão, de amizade e de confraternização o poderão fazer com a profundidade e a extensão devidas.

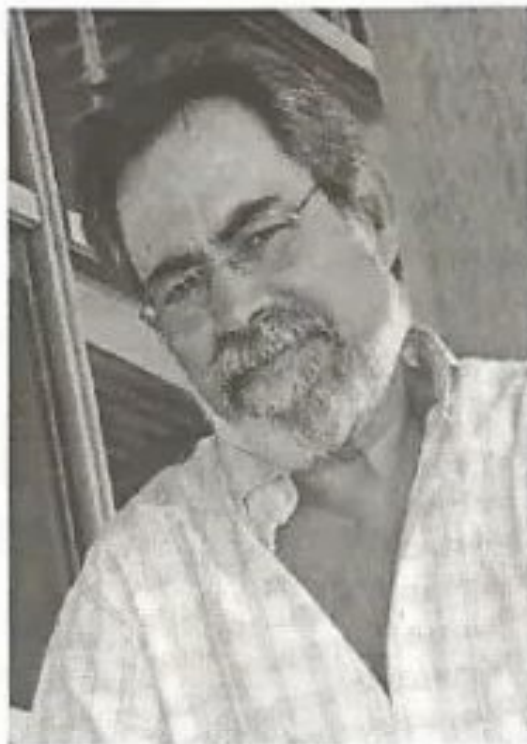
Fazendo, muito sumariamente, uma pequena biografia da sua trajectória histórica, verifica-se que Rui António Pombares Vaz de Carvalho nasceu em Luanda (Angola) a 25 de Setembro de 1941. Com 2 anos de idade vem com a sua família para a cidade de Castelo Branco. Nesta cidade, frequenta o Jardim Escola João de Deus, concluindo o antigo 7.º ano do liceu. Depois frequenta o curso de Filologia Românica da Universidade Clássica de Lisboa, entre 1962 e 1964. No final deste período, devido a problemas resultantes da crise académica em Portugal, emigra para Paris. Aqui trabalha como operário na fábrica de automóveis Renault e, ao mesmo tempo, frequenta o curso de Sociologia da Sorbonne, Universidade de Paris I, entre 1966 e 1968. Neste ano, regressa a Portugal e frequenta de novo a Universidade

Clássica de Lisboa, concluindo a licenciatura em História. Posteriormente, faz o mestrado em História de Arte na Universidade Nova de Lisboa.

Numa perspectiva profissional centrada na educação, Rui Vaz de Carvalho começa a

leccionar a disciplina de Francês na Escola Preparatória do Fundão, no ano lectivo de 1968/1969. Regressando agora a Angola, entre 1969/1971, funda a Escola Preparatória de Calulo em Angola, exercendo na altura as funções de Director Interino. Continuando nas mesmas funções, no período de 1971/1972 funda a Escola Preparatória de Caluquembe. Entre 1972/1973 lecciona a disciplina de Francês na Escola Preparatória de João Crisóstomo de Luanda. Regressando novamente a Portugal,

no ano lectivo de 1973/1974 lecciona as disciplinas de História e de Português na Escola Preparatória de Ovar. No período de 1974/1976 lecciona as disciplinas de Português, Estudos Sociais e História na Escola Preparatória de Sesimbra. Entre 1976/1977 lecciona as disciplinas de História, Português e Estudos Sociais na Escola Preparatória Luísa Todi em Setúbal. Em 1977/1978 retoma a leccionar a disciplina de História na Escola Preparatória de Sesimbra. Em 1978/1979 torna-se professor efectivo na Escola Prepa-



na Escola Preparatória de Sesimbra, leccionando as disciplinas de História e Ciências Sociais. No período de 1978/1982 retoma as suas funções docentes na Escola Preparatória de Almada, leccionando as disciplinas de História e Estudos Sociais. Finalmente, no período de 1982/2002 acaba de exercer as suas funções docentes na Escola Preparatória de Almada, leccionando as disciplinas de Português, História e, ainda, O Homem e o Ambiente Social e Formação Complementar.

Nos domínios específicos da participação de Rui Vaz de Carvalho no associativismo, teatro, cinema e poesia, destacam-se por ordem cronológica: em 1964, co-fundador e actor do Grupo de Teatro das Letras da Faculdade de Letras de Lisboa. Nesse mesmo ano, participa como colaborador na 1.ª edição da *Antologia da Poesia Universitária Portuguesa*. Entre 1965/1968 torna-se membro da Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular, Paris, França. Nesta associação, é co-fundador do jornal *O Emigrante* e do Grupo Cénico da referida Liga. Ainda em 1967, em Paris, é fundador, director, actor e encenador do grupo de teatro "Palco - Teatro de Ensaio". Em 1968/1969 cria um Grupo de Teatro Amador na Escola Preparatória do Fundão, tendo para o efeito desempenhado as funções de director, tradutor e encenador. Em 1970/1971 participa na criação de uma Biblioteca Escolar aberta à população de Calulo (Angola). Por outro lado, cria um Grupo de Teatro Amador com alunos dessa Escola Preparatória, exercendo ainda as funções de encenador. Em 1972 é co-fundador do Clube de Cinema de Amadores de Angola. Em 1973 é co-fundador da Associação para a Promoção das Línguas Nativas de Angola. Em 1975 é eleito Presidente do Secretariado das Comissões de Moradores de Sesimbra. Patrocinado pela UNESCO, em 1976 recebe uma menção hon-

rosa no Prémio Internacional de Poesia, São Paulo, Brasil, com base no trabalho subordinado ao tema *A Criança*. Em 1978 torna-se co-fundador e membro da revista *História e Sociedade*. Em 1986, em Almada, participa na Exposição Colectiva de Pintura, organizada pela Associação Acercadanoite. Em 1987/1988, novamente em Almada, participa numa Exposição Individual de Pintura, também organizada por Acercadanoite. Em 1988, a convite do Grupo de Intervenção Cultural de Almada, colabora na dramaturgia do texto e encenação da peça *A Grande Sena*, com base em textos de Jorge de Sena e Fernando Pessoa. Promovido pelo Instituto de Inovação Educacional, em 1989/1990 é co-autor do Projecto Global de Escola "Crescer para Ser", sendo este para o efeito seleccionado e premiado pelo Júri do Segundo Concurso Nacional de Projectos "Educar Inovando/Inovar Educando". Promovido pela Câmara Municipal da Figueira da Foz, com base num Conto, em 1990 recebe menção honrosa no Prémio Joaquim Namorado. Em 1992, Rui Vaz de Carvalho publicou *A História não Serve para Nada* e, ainda, o texto dramaturgico para a peça *D. Sebastião Paris-Dakar*, levada à cena pelo grupo de teatro O Bando. Em 1992, com base num texto dramaturgico encomendado pela Direcção do Palácio de Belém, escreve *Quando o Rei Faz Anos*. Ainda em 1992 participou no "IIIème Congrès du Forum Civique Européen", organização da comissão Histoire et Révisionnisme, Forcalquier (Alpes de Haute Provence), França.

Olhando agora mais para uma leitura do homem e da obra, no meu caso pessoal, limitar-me-ei, a exprimir o que sinto e que acho mais pertinente divulgar. Antes de mais, para mim, a vida e a obra de Rui Vaz de Carvalho pautou-se por pulsões de vida dinamizadas pela procura incessante da liberdade, da amizade e

da solidariedade. A anarquia, nos seus pressupostos práticos e teóricos, deu-lhe o sentido da construção da sua identidade individual e colectiva. Três dimensões nucleares preencheram a sua trajectória biológica e social: a educação, o teatro e a poesia e a anarquia.

Na educação, porque toda a sua vida profissional esteve sempre intimamente reportada ao espaço-tempo da sala de aulas, e também porque por essa via poderia experimentar metodologias pedagógicas e difundir um tipo de conhecimento científico crítico da sociedade capitalista e do Estado, nomeadamente nos domínios da filosofia, da história e da sociologia. É certo que os mecanismos constrangedores do ensino e da educação laica e religiosa estavam e estão baseados nos desígnios normativos da dominação do Estado e do capital. As perversões são imensas, daí que Rui Vaz de Carvalho verifique que a educação seja personificada por formas de domesticação das mentes e dos corpos, cerceando a liberdade e a individualidade de cada um de nós. Por essa razão deduz: "Mais grave ainda é o que se passa com a Educação. O sistema, baseado na lógica de mercado, procura através da Educação criar o *homo faber* para dele se alimentar, à semelhança da loba que devora os seus próprios filhos. Por isso, uma competição desenfreada entrou nas escolas. A solidariedade e a generosidade, tidas como apanágio da juventude, estão condenadas a desaparecer perante a concorrência que o mercado de trabalho exige. É ainda a lógica do mercado que promove o insucesso escolar, pois o sucesso escolar só tem sentido em função de um fim. Ora, quando os fins educacionais deixam de ter em mente o ser social e adoptam os valores da economia de mercado, a escola só pode reproduzir esses valores, que são os da transformação do ser social em *homo faber* e os da concorrência que gera o desemprego e

exclusão social. O insucesso escolar é, assim, expressão sinónima de desemprego futuro" (Carvalho, 1997:36).

No teatro e na poesia porque foi nestes domínios que a sua subjectividade e criatividade pessoal mais se mesclaram com a amizade e a liberdade concreta da vida quotidiana. Efectivamente a revolta e a lucidez de Rui Vaz de Carvalho contra o Estado, assim como a partilha e a pertença da sua individualidade e da sua liberdade no contexto do imaginário anarquista era mais pacífica e fácil de realizar entre amigos e, por outro lado, para o exterior. As linguagens teatrais, poéticas e associativas eram mais fáceis de transmitir e viver e também tinham maior impacto junto dos indivíduos que aspiravam à emancipação social.

Na que concerne à anarquia, esta revelou-se extraordinariamente importante para Rui Vaz de Carvalho porque encontrou nela o refúgio e explicação da sua luta contra as situações de injustiça e miséria que atravessam as nossas sociedades contemporâneas. Não admira assim que, ainda jovem estudante na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, a sua ânsia e descoberta da luta pela liberdade desse início a uma relativa familiaridade com alguns dos pressupostos do imaginário anarquista. Mais tarde, entre 1965/1968 a sua inserção no mundo do trabalho e na agitação estudiantil permitiu-lhe descobrir e aprofundar os princípios teóricos e práticos da anarquia. Neste contexto, o Maio de 68 foi sem dúvida um factor importante. Ao tornar-se professor em Angola, a sua subjectividade e sensibilidade foram confrontadas e alimentadas pelas sementes da revolta contra as vicissitudes da escravidão colonial portuguesa.

Com a ocorrência histórica do 25 de Abril em Portugal, a emergência de situações revolucionárias generalizaram-se para hipóteses de

manipulação social de cariz libertária, ainda que marginalmente.

Não obstante essas limitações, em 1974, Rui Vaz de Carvalho é participante activo do desaparecimento histórico do jornal *A Batalha* e é co-fundador do Centro de Cultura Libertária de Almada. Entre 1974/1975 concebe e escreve a quase totalidade dos primeiros números do jornal anarquista *A Merda*. Digamos em abono da verdade, que a edição e o financiamento, assim como a distribuição, da totalidade dos números do jornal *A Merda* foi da responsabilidade de José de Brito. Em 1975 foi co-fundador da revista *Acção Directa*, da qual se desligou em 1978. Em 1977 promoveu e realizou um curso livre subordinado ao tema "A Cultura Portuguesa", no Centro de Cultura Libertária de Almada. No início da década de 80 torna-se colaborador activo no jornal *Voz Anarquista*. Em 1984, assume a direcção da revista *Antítese*. Esta perdurou até 1988 e deu à estampa 7 números.

A evolução do seu pensamento em relação aos princípios e práticas que julgava mais apropriados para desenvolver a luta pela anarquia é, efectivamente, demonstrada no número 2 da revista *Antítese*:

"O objectivo é criar por dentro do Estado uma vida paralela que gradualmente dele se afaste. Assim, a estrutura em questão seria criada exclusivamente por e para anarquistas. A finalidade seria a realização em moldes anarquistas e na medida das nossas possibilidades de todos os aspectos da vida, desde o convívio no trabalho produtivo, incentivando mesmo a criação de comunas, cooperativas de produção, etc. Todos nós conhecemos as dificuldades de uma prática anarquista nas sociedades autoritárias, não apenas devidas aos mecanismos repressivos e de exploração, mas

também e sobretudo à nossa própria integração social. Por tudo isso, o processo anarquista não pode partir do purismo e do radicalismo desejáveis, antes se deve encarar como uma aprendizagem gradual com efeitos aglutinadores.

É neste sentido aglutinador que se processa também a nossa acção para o exterior. Já não se trata de um projecto que se procura impor a toda a população de um país, com as contradições que um tal projecto acarretaria em termos teóricos e práticos do anarquismo, mas fazer vir até nós, através dos diversos meios de propaganda, incluindo o exemplo, os que estivessem na disposição de aceitar a vivência anarquista" (Carvalho, 1985:19-20).

Desde 1994, Rui Vaz de Carvalho fez parte de um grupo que toma a iniciativa de criar a Associação Cultural A Vida e a revista *Utopia*. Formalmente e de facto, Rui Vaz de Carvalho foi um dos elementos básicos que estiveram na base do seu aparecimento público em 1995. A sua lucidez e postura comportamental foram cruciais para o desenvolvimento e sustentabilidade dessas iniciativas. Foi membro do colectivo editorial da revista *Utopia* até ao n.º 12, não obstante as contingências de índole física tivessem limitado a sua participação a partir do n.º 8.

Por tudo o que eu acabei de referir: até sempre Rui Vaz de Carvalho. ☐

José Maria Carvalho Ferreira

REFERÊNCIAS

- Carvalho, Rui Vaz de (1985), "Anarquismo, um ideal à procura duma estratégia adequada", in revista *Antítese*, n.º 2, pp. 13-19, Almada, Ed. do Centro de Cultura Libertária.
Carvalho, Rui Vaz de (1997), "Sociedade e Educação", in revista *Utopia*, n.º 5, pp. 30-36, Lisboa, Ed. da Associação Cultural A Vida.
Dados biográficos recolhidos pelos filhos de Rui Vaz de Carvalho